

A confissão*

Guy de Maupassant

* Texto em português lusitano

O sol do meio dia caía a jorros pelos campos.

Estes estendiam-se, ondulantes, entre os tufo das árvores das herdades e as diversas colheitas, os centeios maduros e os trigos aloirados, as aveias de um verde claro e os trevos de um verde sombrio, alastrando-se num grande manto raiado, movediço e macio sobre o ventre da terra.

Lá ao longe, no cume de uma ondulação, há uma interminável linha de vacas, enfileirada à maneira de soldados, umas deitadas, outras em pé, que piscam os seus grandes olhos sob a ardência da luz, ruminando e pastando num campo de trevo tão vasto como um vasto lago. E duas mulheres, mãe e filha, vão, num passo cadenciado, uma adiante da outra, por um estreito carreiro cavado nas colheitas, em direcção ao rebanho de vacas. Cada uma delas leva duas celhas de zinco afastadas do corpo por um arco de barrica; e o metal, a cada passo que elas dão, solta um reflexo esbranquiçado e deslumbrante sob o sol que o ilumina em cheio.

Não falam. Vão ordenhar as vacas. Chegam perto delas, põem em terra uma das celhas, e aproximando-se dos dois primeiros animais, fazem-nos levantar dando-lhes uma pancada com o tamanco no lombo. O animal levanta-se, lentamente, primeiro sobre as patas dianteiras, depois soergue com mais custo o largo corpanzil, que parece abatido ao peso da enorme teta de carne loira e pendente.

E as duas Malivoire, mãe e filha, de joelhos sob o ventre da vaca, puxam com

um destro movimento de mãos pela teta intumescida, que deita a cada pressão um delgado fio de leite na celha. A espuma um tanto amarelada sobe ao bordo das vasilhas e as duas mulheres lá vão de vaca em vaca até ao fim da comprida fila.

Logo que acabam de ordenhar uma, tiram-na daquele lugar, põem-na a comer num talhão de verdura intacto.

Depois, tornam a partir, mais vagarosamente sobrecarregadas com o leite, a mãe adiante, a filha atrás.

Mas a filha, bruscamente, pára, depõe no chão o seu fardo, assenta-se e põe-se a chorar.

A Malivoire mãe, não ouvindo os passos da filha, volta-se e fica estupefacta.

- Que tens tu? - diz-lhe.

E a filha, a Celeste, uma corpulenta russa de cabelos tostados, de faces tostadas, manchadas de nódoas de sardas como gotas de fogo que lhe houvessem caído sobre o rosto num dia em que se penteava ao sol, murmurou, gemendo mansamente como fazem as crianças quando se lhes bate: - Não posso com o leite!

A mãe olha-a com ar suspeito.

- Mas o que tens tu?

Celeste torna, caída por terra entre as suas duas celhas:

- Pesa-me muito. Não posso.

A mãe pergunta pela terceira vez:

- Mas o que tens tu então?

E a filha geme:

- Parece-me que estou grávida.

E desata a soluçar.

A velha põe a sua carga no chão, por tal forma interdita que nada encontra que

dizer.

Enfim balbucia:

- Es... tás... es... tás grávida, moinanta, é então possível?

Eram ricos lavradores os Malivoire, pessoas orgulhosas, bem situadas, respeitadas, maliciosos e poderosos.

Celeste tartamudeou:

- Quer-me parecer que sim, que estou.

A mãe enfurecida olhava para a filha abatida diante de si e lacrimosa. Ao fim de alguns instantes berrou:

- Estás então grávida?! Estás então grávida?! Onde foste arranjar isso, galdéria?

E a Celeste, completamente sacudida pela emoção, murmurou:

- Julgo que foi na carruagem do Polyto.

A velha fazia por descobrir, procurava adivinhar, procurava saber quem poderia ter feito essa maldade a sua filha. Se fosse um rapaz bastante rico e bem comportado, veria como as coisas se poderiam arranjar. Seria só meio mal; Celeste não era a primeira a quem tal acontecia; mas em todo o caso aquilo contrariava-a, dada a sua posição.

Tornou:

- E quem é que te arranjou isso, cochina?

E a Celeste, resolvida a confessar tudo, balbuciou:

- Tenho a certeza que foi o Polyto.

Então a mãe Malivoire, sufocada pela cólera, atirou-se à filha e pôs-se a bater-lhe com tal frenesi que chegou a perder a touca.

Zurzia-a a grandes punhadas pela cara, pelas costas, por toda a parte; e Celeste completamente estendida entre as duas celhas, que a protegiam um pouco, limitava-se a esconder o rosto entre as mãos.

vacas todas, surpreendidas, tinham cessado de pastar, e, tendo-se voltado, miravam com os seus grandes olhos. A última, estendendo o focinho para as duas mulheres, principiou a mugir.

Depois de ter batido a mais não poder ser, a mãe Malivoire, sufocada, deteve-se; e recuperando um pouco o sangue frio, quis compenetrar-se de toda a situação:

- O Hypolito! Se é possível, meu Deus! Como pudeste tu, com um cocheiro de diligência... Tinhas com certeza perdido o juízo. Por força que foi bruxaria que te fizeram, um João Ninguém!

E a Celeste, sempre estendida, murmurou na poeira: - Eu não pagava o carro!

E a velha normanda compreendeu.

Todas as semanas, à quarta e ao sábado, Celeste ia levar à povoação próxima os produtos da herdade, as aves, o creme e os ovos.

Partia logo às sete horas com os seus dois grandes cestos nos braços, os lacticínios num, os frangos e galinhas no outro; e ia esperar na estrada real a carruagem de posta de Yvetot.

Depunha no chão a sua fazenda e sentava-se no fosso, enquanto as galinhas de bico curto e pontiagudo e os patos de bico largo e chato, passando a cabeça através dos troncos de vime, olhavam com o seu olho redondo, estúpido e cheio de surpresa.

A diligência, uma espécie de cofre amarelo sobrepujado por uma cabeça de coiro negro, não tardava, com a parte de trás aos solavancos, sacudida por uma pileca branca.

E o Polyto, como abreviadamente chamavam ao cocheiro, um rapagão rubicundo, pançudo já, embora ainda novo, e de tal forma tostado pelo sol, queimado pelo vento e envernizado pela aguardente que tinha a face cor de

tijolo, bradava de longe fazendo estoirar o chicote:

- Bom dia nina Celeste. Como vai a saúde?

Ela entregava-lhe, um após outro, os cestos que ele colocava na imperial; depois ela subia ao estribo, que era alto, mostrando uma bela perna vestida numa meia azul de mescla.

E de cada vez que o caso se dava, o Polyto repetia sempre o mesmo gracejo: «Vamos lá, que não emagreceu!»

Ela ria, achando aquilo divertido.

Depois ele soltava o seu: «Arre calhamaço!» que fazia marchar de novo a sua magra alimaria.

Então, Celeste, tirando o seu porta-dinheiro do fundo da algibeira, tirava lentamente dez Sous, seis para pagar o seu transporte e quatro para o dos cestos e passava-os ao Hypolito por cima do ombro. Ele pegava-lhes dizendo:

- Então ainda não é hoje a funçanata?

E ria com alma, voltando-se para ela para a olhar à vontade.

Custava-lhe bastante, a ela, dar de cada vez meio franco por três quilómetros de caminho.

E quando não tinha sous ainda sofria mais, custando-lhe a decidir-se a chegar às mãos do cocheiro uma moeda de prata.

E um dia, no momento de pagar, ela perguntou:

- A uma freguesa tão certa como a mim o senhor não podia levar só seis sous?

Ele pôs-se a rir: Seis sous minha flor, o meu anjo vale muito mais do que isso.

Ela insistia:

- Era só menos dois francos por mês.

Ele disse-lhe, ao mesmo tempo que batia na pileca:

- Se quer, podemos ficar quites, faço-lhe isso por uma funçanata.

Ela perguntou com ar aparvoado:

- «O que é que quer dizer isso de funçanata?»

Ele divertia-se tanto com o caso, que tossiu à força de rir.

- Uma funçanata é uma funçanata, uma festarola com a breca! Uma função entre uma rapariga e um rapaz, é um pesito de dança, um en avant sem música.

Ela compreendeu, corou e declarou:

- Eu não sou dessas, Sr Polyto.

Mas ele não desistiu, repetia, cada vez mais divertido:

- Lá chegaremos minha flor, a uma função entre nós dois, olé!

E desde então, toda a vez que ela pagava, ele perguntava-lhe sempre: Então ainda não é hoje a funçanata?

Ela gracejava com aquilo, por fim, e respondia:

- Hoje não, Sr Polyto, mas no sábado que vem é pela certa!

E ele dizia-lhe sempre:

- Fica então combinado para sábado, minha flor.

Mas ela dizia lá com os seus botões, que havendo dois anos que aquilo assim durava, tinha já pago os seus quarenta e oito francos que no campo não se acham com um pontapé numa pedra; e calculava também que em mais dois anos pagaria perto de cem francos.

E o caso foi, que um dia, um dia de primavera em que ambos iam sós, como ele perguntasse segundo o seu costume:

- Então ainda não é hoje a funçanata?

Ela respondeu:

- Como queira, Sr Polyto.

Ele não sentiu a menor admiração, saltou por cima da almofada de trás, e

murmurou com ar satisfeito:

- Vamos lá então, eu bem dizia que cá havíamos de chegar.

E o velho cavalo branco pôs-se a trotar num trote tão suave, que parecia dançar no mesmo lugar, surdo à voz que por vezes lhe gritava do fundo do carro: «Arre Calhamaço. Vamos Calhamaço!»

Três meses mais tarde, Celeste deu por que estava grávida.

Lacrimosa, confessara tudo à mãe. E a velha, pálida de furor, perguntou:

- E quanto é que te deram então por isso?

Celeste respondeu:

- Quatro meses grátis no carro, parece-me bem que são oito francos à justa.

Então, a raiva da camponesa não tem limites, e tornando a cair a fundo sobre a filha bateu-lhe novamente até perder de todo o fôlego.

Depois, levantando-se:

- E disseste-lhe que estás grávida?

- Isso não, não disse.

- E porque não lho disseste?

- Porque ele me faria pagar o carro talvez!

E a velha cogitava; depois, pegando nas suas celhas:

- Vamos, levanta-te, e trata de vir para casa.

E depois de um silêncio, tornou: - Já agora é melhor não lhe dizeres nada enquanto ele não der por isso, ouviste? Ao menos, assim sempre ganharemos o dinheiro da passagem durante uns seis ou oito meses!

E Celeste, levantando-se, continuou a chorar, despenteada e com o rosto inchado e arroxado pelas pancadas, e pondo-se em marcha com os passos pesados murmurou:

- Pois está bem de ver que não lhe direi nada!